

**ENTRE BECOS DE GOIÁS E VILA RICA: OLHARES, MEMÓRIAS E O  
MODERNISMO EM CORA CORALINA**

**José Humberto Rodrigues dos Anjos**  
**João Batista Cardoso**

A palavra beco, por si só, contém uma carga de significação muito pesada e repleta de preconceitos. À primeira vista há a materialização de um lugar escuro, sujo e que por essência, ou imposição social, abriga os excluídos e marginalizados.

Os dois poemas a serem analisados trazem o Beco como título principal, e já de início revelam uma das muitas características conectivas entre Cora Coralina e o Modernismo; a poetização do não poético. Aspecto frequentemente encontrado nos poetas modernistas como, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

De acordo com SILVA (2003), os becos são espaços geográficos, mas também revelam a paisagem humana e social da velha Goiás, demonstrando no presente as necessidades do passado. E ressalta que

Os becos da cidade de Goiás são mostrados como expressões nítidas da falta de um planejamento urbano que procurasse amenizar as desigualdades entre as classes sociais. Eles representam, quase sempre, um espaço escuro, propício ao instalar da miséria, dramas, prostituições, tensões de ordens diversas. (2003, p.2)

Assim, Cora Coralina mostra, em sua poesia, tudo aquilo que por tempos esteve escondido nos "obscuros dos becos de Goiás", tal fato gera grande estranheza por parte de seus leitores e da crítica especializada que por muito tempo torceu/torce o nariz para sua obra.

O que a poeta fez foi renegar os moldes da poética Romântica e Parnasiana lançando um olhar sobre o "podre" e apoético. Esse processo consiste em dar beleza e significância a matérias e pessoas desprezadas, vistas como comuns e, portanto, excluídas do processo de criação poético e histórico.

Essa característica conecta Cora ao Modernismo e revela onde tanto a poeta quanto os demais modernistas buscavam sua inspiração. CAMARGO (2004, p. 5) revela que

Nos tempos de Cora Coralina, os becos eram lugares mal-afamados, onde mulheres de respeito não passavam. Era lugar de mulher da vida e de monturo de lixo. Enfim, de tudo aquilo que não mais fosse útil para a sociedade. O poeta moderno, ao perscrutar o lirismo poético nos becos, resgata para o âmbito da poesia não só os velhos objetos, frutos da industrialização, mas o ser marginalizado social e economicamente pela sociedade.

O processo de despersonalização é presente em grande parte da obra Coralínea. No início de "*Becos de Goiás*" a poeta choca o leitor até então ambientado a uma visão romanesca, ao descrever a paisagem dos becos que ela ama. Uma visão diferente, que percebe no "ausente", "triste" e "sujo" o sentimento de amor que lhe proporciona saudades

Beco da minha terra...  
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.  
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa  
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.  
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugida,  
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,  
calçando de ouro a sandália velha,  
jogada no teu monturo.  
[...] (CORALINA, 2001 p. 92)

Nota-se no excerto acima, o exemplo da poetização do material não poético, a paisagem que normalmente seria idealizada e complexificada pelo Romantismo e Parnasianismo, acumula na poética de Cora Coralina uma série de adjetivos que (des)caracterizam a estética de beleza do Modernismo, ou seja, além de ausente, triste e suja ela também é: sombria, velha, úmida, negra, esverdeada e pobre.

Nesta mesma dinâmica, CAMARGO (2004) analisa a poética Coralínea como aquela que "traz para o âmbito da poesia o grotesco", pois o belo para Cora Coralina, assim como para os demais modernistas é o feio. O ato da

criação lírica vai perscrutar não a beleza da praia, ou o encanto do pôr-do-sol, mas os monturos, o sujo e desprezado.

O mesmo ato de criação e (des)poetização pode ser encontrado em "*Dos Becos da Vila Rica*", em que a escritora usa uma galinha morta, já em estado de putrefação como material a ser poetizado. Tal descrição pode chocar, confundir, ou mesmo, não chamar a atenção do leitor para o aspecto lírico do poema.

No beco da Vila Rica  
tem sempre uma galinha morta.  
Preta, amarela, pintada ou carijó.  
Que importa?  
Tem sempre uma galinha morta, de verdade.  
Espetacular, fedorenta.  
Apodrecendo ao deus-dará.  
[...] (CORALINA, 2001 p.96)

Nesses Becos em que se encontram as galinhas e monturos podres e fedorentos é que Cora Coralina perscruta seu material poético, o barro necessário para que o oleiro construa seu artesanato. A paisagem mal cheirosa, suja e imunda é material para Cora. Nos dois poemas analisados, CAMARGO (2004) ressalta a importância do material não poético que Cora lyricisa, pois além de serem os becos a inspiração da poeta, também são as válvulas coronárias da Velha Goiás.

Em ambos os poemas, podem ser encontradas cerca de duzentas e cinco palavras/ou expressões que comumente não costumavam ser usadas para poetizar ou expressar beleza, sendo que em uma única estrofe podem se perceber mais de quinze, como se nota no trecho de "*Becos de Goiás*" em que as palavras negritadas expressam o caso

Becos mal assombrados.  
Becos de assombração...  
Altas horas, mortas horas...  
Capitão-mor – alma penada,  
terrorosos soldados, castigo nas armas.  
Capitão-mor, alma penada,  
numcavalo ferrado,  
chispando fogo,

descendo e subindo o beco,  
comandando o quadrado – feixe de varas...  
Arrastando espada, tinindo esporas...  
[...] (CORALINA, 2001 p. 94. Grifo nosso)

Essa primeira característica associa Cora Coralina na mesma sonância de criação poética de outros modernistas que veem nos elementos rejeitados pelo Romantismo e pelo Parnasianismo a matéria angular para a poesia de denúncias, sensibilidade, amor e saudades.

Além de buscar esse material “não poético”, outro aspecto na obra de Cora remete ao modernismo: a ligação íntima e profícua de seus escritos com a memória. Assim tem-se uma poeta-historiadora que, segundo Vellasco (2005), “divide com os historiadores o passado enquanto ‘objeto’ e dá voz e vez àqueles que foram excluídos pela história oficial”. Para Vellasco (2005), a construção poética de Cora trouxe o novo através do velho, traços do passado renovados pela estética modernista.

Mas, enfim, o que é memória e qual sua função? No intuito de esclarecer e definir o termo, Ecléa Bosi (2004) interliga memória ao passado e disserta sobre ambos

A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida. (ECLÉA BOSI, 2004, p. 47)

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora a nossa disposição no conjunto de

representações que povoam nossa consciência atual. (ECLÉA BOSI, 2004, p. 55)

Assim, pode-se perceber que a memória em Cora Coralina, não será apenas (re)criativa ou descritiva, mas atuará como um trabalho que vê nas experiências do passado a possibilidade de formar a consciência atual. São essas possibilidades, lembranças, representações e construções que constituirão a História.

A Literatura, não só do Modernismo, mas de maneira geral sempre foi ligada à História, tanto que nos primórdios, essas duas artes caminhavam juntas e somente no século XIX veio a separação mais específica.

Tosta (2006) ao investigar a ligação entre a poesia de Cora Coralina e a História, reafirma a estranheza que os leitores podem encontrar quando há a associação da poeta com a História, no entanto, esclarece

O leitor da escritora Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889-1985), conhecida como Cora Coralina, talvez não a identifique de imediato com este gênero [...]. Cora normalmente não fala de eventos de cunho histórico tradicional, nem oferece verdades sistemáticas. Não menciona líderes do governo, religiosos, ou outros nomes tidos como 'importantes', mas seu assunto é o dia-a-dia, os costumes, crenças, 'casos', cenas, valores e tradições das pessoas simples de sua cidadezinha no Estado de Goiás [...] (2006, p. 20)

A História a que se refere não recebe o conceito sistêmico de "oficial", é voltada a memórias, lembranças e exposições do cotidiano. Cora, com propriedade, lembrava-se daqueles que normalmente eram esquecidos, daquelas pessoas e fatos comuns, que normalmente não apareceriam nos livros de história oficial de Goiás nem migrariam para textos românticos ou parnasianos, por exemplo.

No prefácio de "*Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*", Oswaldino Marques ressalta a importância dos livros de Cora Coralina como documentos e afirma: "são documentos na medida em que funcionam como traslado dos gestos e dos vínculos ritualizados do grupo social, no seu defrontar intersubjetivo."

Marques reforça o caráter sócio-histórico dos escritos de Cora Coralina, e vê tanto em sua poesia quanto em sua prosa, não somente escritos literários, mas arautos de memória para a história do Estado de Goiás.

Para Yokosawa (2005), a recriação poética do tempo passado por meio da lírica da memória, é uma característica principal e definidora da obra Coralineana, e esclarece que

Essa memória lírica tem, como se pode depreender das citações e a confirmar pela leitura da obra, tanto um caráter pessoal quanto coletivo. A escritora tanto transfigura em arte vivências individuais [...] quanto recria histórias, lendas, resgata memórias subterrâneas que não constam nos autos oficiais do passado, de modo a promover um rearranjo da história canônica. (2005, p.39)

Desta forma, pode-se entender a memória como parte de reconstrução da poética de Cora Coralina, que expressa em seus poemas aquilo que viu, viveu e ouviu, transmitidos de geração para geração. A memória em Cora atua como um porão em que são guardados os momentos e depois, são retirados, contados e (re)construídos.

Diz-se então que os escritos de Cora Coralina não foram simplesmente inspiração, mas vivências. Cora foi acumulando em seu "porãozinho" todas as suas experiências de vida, que depois foram convertidas por suas fontes em poemas, crônicas e textos repletos de memórias.

Para a pesquisadora Goiandira Ortiz de Camargo (2003), o período inicial que Cora viveu em Goiás, por volta dos 21 anos de idade constitui grande parte de sua escrita, as memórias que ela traz do passado são lembradas no presente e se transformam em obra. A experiência que se via guardada, sai do "porãozinho", e compõe o "trabalho de rememoração poética".

Nesta mesma ótica analítica, Bezerra (2009) ressalta que na poética de Cora Coralina, a memória atua como instrumento que reflete e procura redimensionar a experiência dos indivíduos, envolvendo imagens que servem como ponto de partida para a problematização de aparências enganosas.

Deste modo, a memória não é apenas recriação, mas uma forma nova de recontar fatos velhos, ironizando-os e fazendo do passado uma reflexão para o presente. Assim, a autora reforça paradigmas e, consciente de suas experiências, volta um olhar crítico para suas próprias vivências. Fato notado em *Becos de Goiás*

Canto a estória dos becos,  
dos becos da minha terra,  
suspeitos... mal afamados  
onde família de conceito não passava.  
"Lugar de gatinha" – diziam, virando a cara.  
(CORALINA, 2001 p.93)

No ato da memória, Cora traz para sua poética a imagem do beco, evocando a menina de sua infância, criada sem carinho de mãe ou proteção de pai, "mal amada, feia e desprezada".

Deve-se ressaltar que a memória em Cora Coralina não atua como transmissora de sentimentos de uma pessoa derrotada pela vida ou amarga pelas circunstâncias, ao contrário, tem o papel de demonstrar o triunfo de alguém que vence as contingências do destino e acredita na possibilidade do ser. Para Vellasco (2005) o ato memorialístico de Cora, "traz todas as possibilidades de criar novos seres de estar com o outro, e encontrar a solidariedade humana e histórica."

Ao reviver suas memórias por meio da escrita, Cora se coloca nos poemas, um processo que engendra autora e obra. Com sua lembrança e narrativa fiel, proporciona ao leitor uma criação da imagem vivida por ela, pois os fatos são descritos com tantas minúcias que mesmo não sendo agradáveis de imaginar, acabam se tornando um convite

Às vezes, um vadio,  
malvado ou caridoso,  
põe fogo vagaroso, rastejante.  
Marcado pela fumaceira conhecida.  
Fumaça de monturo:  
Agressiva. Ardida.  
Cheiro de alergia.  
Nervosia, dor de cabeça.

Enjôo de estômago.  
Monturo:  
tem coisa impossível de queimar,  
vai ardendo devagar,  
no rasto da cinza, na mortalha da fumaça.  
[...] (CORALINA, 2003 p. 99)

Outras vezes, usa da memória para introduzir o leitor na obra, questionando-o sobre o fato liricizado, como se desse a ele a oportunidade de fazer parte de seu processo criativo, dando solução às perguntas realizadas

Quanto tempo!  
Que de chuva, que de sol,  
que de esforço, constante, invisível,  
material, atuante,  
precisará de um calçado, no lixo,  
para se decompor absolutamente,  
se desintegrar quimicamente  
em transformações de humo criador?...  
[...] (CORALINA, 2003 p. 99)

Sob o uso de Cora Coralina, a memória atua também como mecanismo capaz de reportar o leitor ao passado, colocando-o na mesma atividade de sensibilidade criativa e expressão. Para Ramón (2003) há em Cora uma identificação efetiva e profunda, capaz de estabelecer para o leitor "semelhanças tão significativa quanto insondável."

Portanto, a presença da lírica de memória, colabora para que a obra Coralineana seja muitas vezes contraditória, interligando o iluminar do presente às tensões e aflições do passado, atribuindo novos significados ao tempo e criando um processo necessário para a reinvenção da autora.

Para exercer a faculdade da memória, Cora (in)compreende seu tempo e usa dessa característica para estabelecer a grande função social de não misturar os tempos, mas contrastá-los com as imagens de agora. É capaz de estabelecer uma reflexão entre o presente e o passado de tal forma a demonstrar sua inteligência, pois para Bosi (2004, p. 81),

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Apurada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.

A citação faz uma leitura transversal da obra *Coralineana* e embora não esteja se referindo propriamente a ela, Bosi, consegue exprimir de forma geral uma característica impregnada na faculdade da memória de todos os poetas ou escritores: o sentimento.

A memória *Coralineana*, vem assim carregada de sentimento, não se tornando apenas escritos antigos que recontam fatos do passado, mas preciosos "diamantes" que são lapidados por seu espírito, e a partir de sua reflexão tornam-se a evocação de uma voz vencedora e cantadora do tempo.

### **A Consciência Social da autora**

Após a Primeira Guerra Mundial, não só a Europa, mas o Mundo como um todo, começou a refletir os valores e a conduta humana. Para Ramón (2003), o fiasco da Guerra alerta o homem, motivando-o a procurar outros modelos de criação. Dessa forma, a negação dos moldes antigos tornar-se-á inevitável, pois eles não são capazes de dar solução aos problemas humanos e sociais. Torna-se evidente o levante da bandeira modernista, que buscará uma nova cultura ou civilização: a consciência social recorrente em muitos escritores e típica do Modernismo brasileiro.

Em 1922 o Brasil comemorava seu centenário da Independência, mesmo ano que se consolidaria como inaugural para a escola modernista, o começo de um novo projeto/visão. O projeto modernista visava para o Brasil uma grande transformação tanto no que se referia às artes quanto aos setores sociais e

políticos. A “estrangeirização” sedia lugar à “brasilidade”, e o nacionalismo se consolidava como característica primordial.

Surge neste período, a literatura de impacto e de violentas repercussões, que voltava o olhar para o Brasil e seu povo, não escondendo suas misérias, ou mesmo renegando suas origens.

A antropofagia lançava-se aos escritores, poetas, pintores e intelectuais da época, e o convite para construir uma cultura própria começava a surgir

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. *Tupi, or not tupi that is the question.* Contra todas as catequese. E contra a mãe dos Gracos. Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. (*Manifesto Antropofágico*, 1928)

Dessa premissa e contexto sócio-histórico revolucionário é que eclodiram mais tarde por todo o país os novos ideais. É desta fonte que Cora Coralina bebeu e é daí que se pode dizer ter surgido sua consciência social enquanto poeta.

Sendo Cora Coralina uma moderna poeta goiana, Ramón (2003, p. 105) descreve-a partindo da ótica universal lançada sobre o poeta. E afirma:

Aceito, seriamente, o postulado junguiano de que o poeta exprime “a verdade de todos”, torna-se redundante afirmar o caráter social da poesia. O ser criador (o poeta), por seu “coração universal”, é, pode-se dizer, congenitamente, um ser de todos e para todos. Ou seja, o poeta é essencialmente social, por dois motivos: por encarnar a soma de todas as vozes e por atender às necessidades anímicas de todos os membros do povo que encarna.

Com essa descrição, evidencia-se o caráter social da poesia de Cora Coralina. A citação feita por Ramón pode ser traduzida fielmente no poema “*Todas as vidas*”, em que Cora soma-se a todas as vozes proporcionando uma simbiose com os membros narrados.

O olhar é voltado ao que até então é considerado margem, o renegado passa a ser retratado de forma real e não idealizada. Deste modo, o olhar e a criação do sublime em Cora Coralina enxergam a cabocla velha, a lavadeira do Rio Vermelho, a mulher cozinheira, a mulher da vida, enfim "*Todas as vidas*".

A mundividência criativa de Cora Coralina comunga com as influências e aspirações desse novo momento que o Mundo experimenta. Inquietada com a sociedade em que vivia a autora expressa em sua poesia e prosa essa liberdade nova que a Literatura em Goiás há pouco começa a experimentar. Liberdade de denunciar, demonstrar indignação e dor

Mulher-dama. Mulheres da vida,  
perdidas,  
começavam em boas casas, depois,  
baixavam pra o beco.  
Queriam alegria. Faziam bailaricos.  
- Baile Sifilítico – era ele assim chamado.  
O delegado-chefe de polícia – brabeza dava  
em cima...  
Mandava sem dó, na peia.  
No dia seguinte, coitadas,  
cabeça raspada a navalha,  
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,  
na frente da cadeia.  
[...] (CORALINA, 2003 p. 94)

No excerto acima, extraído de "*Becos de Goiás*", Cora não somente narra de forma poética o fato, mas denuncia o tratamento hostil dado às mulheres que não eram do "padrão social" majoritário. Narra a humilhação pela qual eram submetidas suas "irmãzinhas".

Ramón (2003) evidencia Cora Coralina como uma alquimista poética, pois esta mescla ao mesmo tempo a narrativa bela e harmoniosa da Cidade de Goiás com a obscura e turva paisagem que o ouro lhe causara. Assim, é possível, segundo ele, observar a capacidade modernista de Cora, que transmuta em ouro o lixo pobre.

Cora não só transmuta o lixo, como também dá voz àqueles e àquelas que são silenciados pela sociedade. Ramón (2003, p. 114) as define como

vozes-cantos que rompem o silêncio do heroísmo calado. Do heroísmo que não veio à luz, na obscuridade do anonimato ou da discriminação social. A natureza de seu gesto libertador consiste nisto: libertar das trevas, do silêncio, da falta de reconhecimento.

Ciente de sua consciência social, Cora consegue ver no cotidiano, a voz marginalizada e excluída. Capta das suas observações do dia-a-dia aquilo que os muitos olhos de Goiás, insensíveis à realidade social não conseguiam ver

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.  
Sem infância, sem idade.  
Franzino, maltrapilho,  
pequeno para ser homem,  
forte para ser criança.  
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.  
[...] (CORALINA, 2003 p. 93)

Sem traçar de forma explícita ou citar nomes do cronograma político, Cora Coralina faz duras críticas ao sistema de governo da antiga Vila Rica. Com sua poética de palavras despretensiosas, a poeta dispara sem metáforas

A estória da Vila Rica  
é a estória da cidade mal contada,  
em regras mal traçadas.  
Vem do século dezoito,  
vai para o ano dois mil.  
Vila Rica não é sonho, inventação,  
imaginária, retórica, abstrata, convencional.  
[...] (CORALINA, 2003 p. 97)

Cora denuncia sem medo a situação político-social de Vila Rica, e sem nomear os problemas, ou seus causadores, deixa claro que a realidade não é boa e que mesmo tentando maquiagem em "sonho" as "regras mal traçadas" da cidade, tudo é "inventação, imaginária, retórica, abstrata, convencional".

### **Meias conclusões a Aninha**

Após debruçar de forma exaustiva sobre a obra de Cora Coralina, buscando nela a comprovação do diálogo com a tradição poética modernista, não se encerram neste ensaio as possibilidades ou conclusões sobre o tema abordado. Pois tendo a obra "*Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*" como um objeto que proporciona inúmeras visões, delineá-lo em um padrão estético empobreceria, ou mesmo, seria uma empreitada muito audaciosa para este grau da formação acadêmica.

Nesta dinâmica e seguindo os passos de Solange Fiúza Cardoso Yokozawa, Flávio Pereira Camargo, Darcy França Denófrio e Clóvis Carvalho Britto, estudiosos incansáveis da obra de Cora Coralina, reafirma-se neste trabalho que, nos momentos de maior autenticidade da autora, há o diálogo uníssono com a tradição poética modernista.

O que Cora Coralina realizou em Goiás e para o Mundo configura-se na mesma sonância de outros modernistas já consagrados como é o caso de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa, que deixaram um legado inegável à Literatura Universal.

Em 1911 quando Cora Coralina segue a cavalo para São Paulo com o marido, o Brasil estava prestes a viver o advento do Modernismo. Onze anos mais tarde em 1922, o Teatro Municipal de São Paulo seria palco para a Semana de Arte Moderna, que marcaria na Literatura um *NOVO ESTILO*, mais tarde difundido por todo Brasil.

Mesmo afirmando em algumas entrevistas que, por conta das exigências do marido, não tenha participado da Semana de 22, Cora Coralina assim como grande parte do Brasil não ficou isolada do acontecimento polêmico da época e mesmo de forma indireta pode ter tido contato com as informações do manifesto.

Quarenta e cinco anos depois, em 1956, após a morte do marido, Cora Coralina volta para Goiás e já em sua terra lança "*cântico da volta*" uma síntese de sua epopeia. Anos mais tarde, a poeta publicaria seu primeiro livro, já estudado neste ensaio e mantenedor de traços e vozes modernistas, a que acrescentou a fusão da épica com a lírica.

Desta forma nota-se não somente uma longínqua semelhança, mas confluências poéticas inquestionáveis de uma mesma escola literária. Há que se estabelecer uma análise consensual, que veja Cora Coralina como modernista, no entanto, não a associando ao grupo mais "radical" e "irracionalista", descrito por Bosi (1994) e ilustrado em Mário de Andrade e Oswald de Andrade.

Que há traços modernistas em Cora Coralina isso é inegável, pois não se pode deixar de considerar que tanto na estética "não convencional" quanto na essência dos poemas-prosa, uma miscelânea de características modernistas são evocadas.

Drummond, um dos poetas símbolos do Modernismo brasileiro, não se conteve ao ler a obra de Cora Coralina, e mesmo não conhecendo a poeta goiana, lança ao vento uma carta de admiração sobre sua obra, considerando-a uma "moeda de ouro, e de um ouro que não sofre oscilações do mercado".

Em suma, pode-se dizer que a obra de Cora Coralina, subsequente ao pioneiro modernista de Goiás, Leo Lynce, é um "retrato" da voz sofrida, experiente e continuadora da tradição, que representou não só o amadurecimento literário do Estado, mas a quebra cultural, política e econômica, do celeiro cultural do Brasil Central que, assim, consolidou sua participação no Modernismo do Brasil, de Goiás e de Cora Coralina.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 39º Ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 11.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRITTO, Clóvis Carvalho. *Sou Paranaíba pra cá: literatura e sociedade em Cora Coralina*. 2006. 190f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

\_\_\_\_\_. *"Pela minha voz cantam todos os pássaros do mundo: Cora Coralina e o inventário dos becos obscuros de Goiás"*. 2006

CAMARGO, Flávio Pereira. Cora Coralina e a tradição poética Moderna e Modernista. In: *IX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC*, 2004, Porto Alegre.

CAMARGO, Goiandira Ortiz de. Cora Coralina: uma poética para todas as vidas. In: *CoraCoralina: Celebração da volta*. Goiânia: Câneone editorial 2006.

CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. 20.ed. São Paulo: Global, 2001.

RAMÓN, Saturnino Pesquero. *Cora Coralina: o mito de Aninha*. Goiânia: Editora da UCG, 2003.

SILVA, Aparecida Silva. *Nos becos de Goiás: poesia, dramas e boninas perfumadas*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

TOSTA, Antônio Luciano de Andrade. Uma in(ter)venção da memória: a universalizaçãodo particular na poesia histórica de Cora Coralina. In: *Cora Coralina: Celebração da volta*. Goiânia: Cãnone editorial 2006.

VELLASCO, Marlene Gomes. *Coralina: reconstrução poética da memória*. . In: *Cora Coralina: Celebração da volta*. Goiânia: Cãnone editorial 2006.

YOKOSAWA, Solange Fiúza Cardoso. Reinvenção poética da memória em Cora Coralina. In: *Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC, 2002*, Belo Horizonte. CD ROOM.

\_\_\_\_\_. *Confissões de Aninha e memórias dos becos*.

\_\_\_\_\_. Confissões de Aninha e memória dos becos: a reinvenção poética da memória em Cora Coralina. *Anais do Terceiro Encontro de Professores de Letras do Brasil Central*. Brasília, Universidade de Brasília, out. 2002.